

O GLOBO 88H
89.01.29 11p/113-020

Retrato dos anos 20

CÍCERO SANDRONI

Francisco de Assis (org.), **RAÍZES DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**. Editora Rocco, 310 pgs. NCZ\$ 13,19.

O autor dos artigos reunidos em "Raízes de Sérgio Buarque de Holanda" com certeza jamais consentira na publicação, em forma de livro, dos textos que escreveu na juventude — e, neste caso, o leitor brasileiro dos anos 80 perderia a oportunidade de conhecer a visão de um intelectual dos anos 20 sobre a realidade brasileira da época, e as relações do Brasil com a Europa que mergulhava no nazi-fascismo.

O leitor está diante de um vasto painel de indagações culturais que, na realidade, nada acrescenta à obra que Sérgio Buarque de Holanda construiu a partir de sua maturidade. "Raízes do Brasil", livro fundador do trabalho de pesquisa e interpretação da realidade brasileira, é de 1936. Em 1947, Sérgio permite o lançamento da segunda edição, mas totalmente refundida — quase outro livro, segundo suas próprias palavras. Neste "Raízes de Sérgio Buarque de Holanda", Francisco de Assis Barbosa e sua equipe foram buscar o escritor quando jovem, polígrafo incansável, cultura enciclopédica formada desde os verdes anos, a abordar os mais variados temas, cada palavra e cada idéia anunciando a obra madura e definitiva que viria depois.

Este "Raízes" se apresenta em três partes. A primeira, "Sérgio antes de Berlim", vem com nota introdutória



Sérgio: um desbravador cultural

de Francisco de Assis Barbosa, que justifica a existência do livro e comenta com aguda inteligência a atividade intelectual de Sérgio, dos 18 anos — quando publica seu primeiro artigo — até 1928.

O jovem intelectual vive seus anos dourados numa década agitada e revolucionária — os anos vinte. Afirma-se como ensaísta polêmico, ataca e defende com aguçado espírito crítico, elogia Manuel Bandeira. Funda "Estética", com Prudente de Moraes, neto e declara em entrevista ao Correio da Manhã: "Modernismo não é

escola literária, é estado de espírito". Na polêmica com Tristão de Athayde, sugere que o pensador está à beira da conversão religiosa — o que Tristão confirmaria no célebre artigo "Adeus à disponibilidade", sobre sua adesão à Igreja Católica.

Com esta bagagem literária, Sérgio Buarque de Holanda já teria seu lugar na história das idéias no Brasil. Mas há a viagem à Alemanha e à Polônia, onde, além da atividade de correspondente de "O Jornal", de Assis Chateaubriand, seguiu cursos e leu muito, especialmente Max Weber. Além disso, entrevistou Thomas Mann e mergulhou na obra de Rilke, de Stefan George e Goethe, cujos livros frequentaria durante toda a sua vida.

E há mais, na obra — a República de Weimar, o Dr. Schacht com suas fórmulas milagrosas, a vida intelectual em Berlim e a sinistra ascensão do nazismo. Na terceira parte — inaugurada com uma deliciosa crônica de Manuel Bandeira sobre como Sérgio Buarque de Holanda não conseguiu invadir a União Soviética —, Sérgio volta a Thomas Mann e à discussão do estado totalitário, então triunfante na Europa.

Os textos de "Raízes de Sérgio Buarque de Holanda" revelam o escritor em seus anos de aprendizado, quando já se desenhava o mestre de "Raízes do Brasil" — uma biografia onde a marca principal será sempre "a consciência democrática avançada", como assinala Antonio Cândido.

O Globo
29.1.89